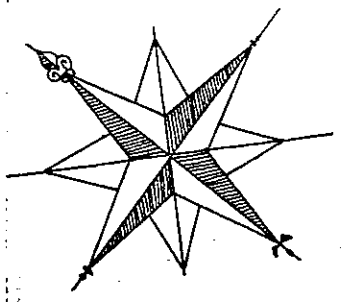


Na trilha dos Anambé

Onde se trata da expedição realizada, em 1968, pelo pesquisador e antropólogo Napoleão Figueiredo, na região do Cairari, na trilha dos índios Anambé, da qual participou a então aprendiz de antropóloga Anaiza. A matéria foi colhida das páginas do diário da dita expedição.



Anaiza Vergolino e Silva

Dia 17, (terça-feira) - Saída de Belém às 16:00 h. Motor Siduína. Chegada a Igarapé-Miri às 24:00 h.
Dia 18, (quarta-feira) - Hospedagem na pensão de d. Chica; café e almoço. Saída para o Posto Fiscal às 19:00h, a bordo do motor Quatro Irmãos do sr. José Martins, (regatão). Viagem normal passando pelo lugar Cachoeira, de propriedade do sr. Benedito Cachoeira, na foz do Igarapé Cambai-Miri; cemitério Santa Maria construído pelos moradores. Lugar Boa Esperança na foz do Cambai-Açu.
Dia 19, (quinta-feira) — Posto Fiscal do sr. Elias da Costa Santos onde pernoitamos, (Fazenda Fortaleza).

Obs: Movimento de motores, nesse período, muito pequeno. Intervalo da passagem de regatões que conduzem mercadorias estiva, ferragem, medicamentos, açaí, camarão, levando madeira beneficiada, farinha, milho, peles de animais, carne de caça, arroz com casca, copaíba, leite de massaranduba em blocos, que é o principal produto de troca. O escambo é feito da seguinte maneira: o regatão negocia o que traz, deixa a mercadoria, acerta o preço e quando "baixa", vai fazendo o recolhimento, sempre em espécies, nunca em dinheiro.

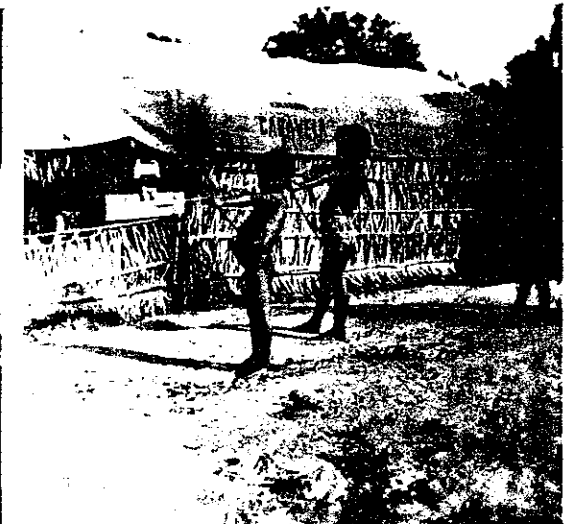
O sistema de regatão é feito desta maneira: comprando a crédito em Igarapé-Miri, Abaetetuba e até Cametá, os gêneros adquiridos não estão sujeitos a controle de preço; acrescidos de mais ou menos 30% sobre o preço de Belém, o regatão revende a mercadoria, aos moradores, lucrando cerca de 100%.

Alguns produtos atingem cifras surpreendentes, como o café (NCR\$ 2,00), fósforo, (NCR\$ 1,00 o maço), queosene, (NCR\$ 0,80, o litro) calça feita, (NCR\$ 12,00 a unidade) e bolacha água e sal, (NCR\$ 2,50 o quilo). Os medicamentos geram um lucro superior a 100%, como no caso do melhoral que um comprimido custa NCR\$ 0,20.

Os produtos entregues, pelos moradores, ao regatão, são sempre recebidos por este com 30% mais barata que os preços



Na aldeia dos Anambé, Napoleão Figueiredo é servido de um café. Na outra foto, crianças da tribo brincam com arco e flechas.



de Igarapé-Miri, Mainata e outras localidades. Assim, no caso do regatão negociar esses produtos, nessas localidades, terá um lucro, em cada viagem, de 130%, pagos os impostos sobre os gêneros, que é de 50%. No caso de negociar os gêneros em Belém, obterá um lucro de 160%.

Normalmente os moradores ficam sempre devendo ao regatão. No caso de não saldarem a dívida, perdem o crédito com todos os outros regatões que operam na área, pois eles se comunicam, entre si, informando o nome do devedor. O crédito só é restabelecido com o pagamento da dívida.

Da foz do Cairari, até suas cabeceiras, moram, aproximadamente, 1.000 pessoas em, mais ou menos, 140 casas. Do Posto Fiscal às cabeceiras, moram 300 indivíduos. O número de eleitores, nessa área, é, cerca, de 150.

O regime matrimonial é, sempre, o casamento (civil e religioso), realizado em Mocajuba. A visita, (desobriga) do sacerdote católico é feita de 3 em 3 meses. Postos de parada: Cachoeira, Terra hada, (acima Cachoeira), Foz do Tambai-Açu, Foz do Apel. Realizam os sacerdotes, batizados, casamentos. O batizado custa (NCR\$ 1,50. O casamento não é cobrado. O sacerdote é esperado em determinadas épocas, sem festividades.

Existem duas comunidades protestantes, a primeira abaixo do Cachoeira e a outra na foz Apel.

A base da alimentação repousa, principalmente, na farinha, arroz, caça e pesca. Os roçados de farinha oscilam de 4 a 20 hectares e o sistema de fabricação é misto: mandioca preta e ralado de catitu, ou em sistema manual. O arroz, (terra firme), oscila, igualmente, de 4 a 20 hectares, plantado com máquina manual. O milho é plantado à mão. Não existe verduras.

A caça é feita com a ajuda de cachorro, (30%). O cachorro de caça tem valor por casal, de NCR\$ 200,00 e são, sempre, importados de Goiás. Há as armadilhas, para a caça, de linha, com arma de cartucho de calibre 16, 20, 24, 28. Uma vez abatida, a caça é transportada no "vira mundo".

A pesca é feita com linha; mais raro o espinhel. Como o uso do pari e do cacuri, dada a profundidade das margens. As redes de pesca, (malhadeira), são raramente utilizadas. Os peixes são os jacundá, aracu, trairão, caratruça, (mapará) e alguns outros comuns na Amazônia.

As casas são, sempre, construídas acima do chão para facilitar a limpeza dos baixos das mesmas, ou para criar porcos ou galinhas. São cobertas de palha,

(majá), cavaco, (boçu), ou, raramente, de telhas. Internamente possuem apenas dois compartimentos, apenas dois compartimentos, um salão amplo e um quarto. O salão serve de sala de estar, depósito, cozinha ao fundo. A dormida é feita em redes; cada um em sua própria, pois dormem separados, usando cobertas de lã. O fogão é a lenha feito de barro. A água é usada em cabeças, (jamarus). A louça é de porcelana ou esmaltadas e utilizam, na maioria, somente a colher. Não há o hábito do uso de mosquiteiro.

Poucas casas possuem "puxada", banheiro inexistente; banho no rio. Ausência de traços característicos, próprios.

Existem 3 escolas, uma em Cachoeira, outra em Cambai-Açu e a última na Vila Erbui. São frequentadas, somente, pelas crianças da proximidade e a alfabetização nunca é feita em casa. A "visão do Mundo" — desde a infância a criança aprende a trabalhar no roçado, lavoura, caça e pesca. Quando jovem, participa da economia doméstica ajudando e trabalhando com os pais. As mulheres casam cedo, a partir de 12 anos; os rapazes de 15 em diante. Ao casar, é costume permanecerem na casa dos pais e, depois, construir sua própria casa. Nada esperam, (ausência de ambição). Há um completo abandono por parte do poder público, (es-

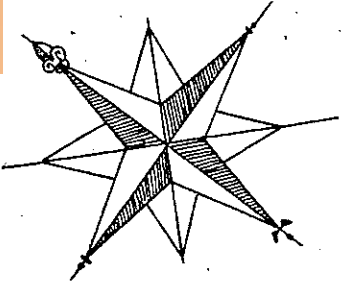
tadual e municipal), que nunca pres assistência, a única é por parte do D. Ru, com tratamento contra a malária.

Autoridades: Um sargento na Vila Erbui, (comissário de polícia). Sem pr. cas. Posto Fiscal, (casa informante). Os chefes políticos visitam a região, somente, às proximidades das eleições. O partido dominante é a ARENA, (Aliança Renovadora Nacional). O poder político é "enfexado" pelo poder econômico; a ação dos principais comerciantes que atuam na área, praticamente determinam os candidatos nos quais os eleitores devem votar. Os eleitos, bem como os chefes políticos, não se interessam pelos moradores da região e não há lembrança de algum eleito ter ido visitar essa região.

Dia 20, (sexta-feira) — O sr. Elias Santos, mais conhecido, na região, como Santinho Pernambuco, além de nos proporcionar alojamento, não consentiu que abrissemos nosso próprio rancho, nos fornecendo além da pousada, alimentação. Ele reside na região desde que nasceu. Tem 45 anos. É casado com d. Dalila Freitas Santos, com quem tem 13 filhos vivos, pois 8 faleceram. Dois de seus filhos, são casados e trabalham na região. Duas filhas, também casadas, sendo que uma mora em Belém e a outra no Cairari. Extrai madeira, ainda que possua outros negócios na área. Adquire, também, dos moradores, nos dois sítios que possui, (um no qual pernoitamos e outro na foz do Apel), o rendimento da lavoura da região; farinha, milho e arroz. Tenta, atualmente, outro negócio, a pecuária, já possuindo 9 cabeças de gado, na fazenda Fortaleza... É um homem amável, brincalhão, sempre disposto a ajudar os moradores com quem realiza negócios. Tem a receber, sem a certeza, mais de NCR\$ 15.000,00.

A esposa do sr. Elias é proprietária de um motor típico da região, "Canário do Tocantins", de 12 Hps, onde realiza viagens para Belém, não se dedicando, entretanto, a negócios de regatão, por não concordar com a negociata deste. Faz, é verdade, severas restrições às atividades comerciais dos regatões, porque não concorda com a exploração do "pessoal do rio".

O pai do sr. Elias, Bernardino Inácio dos Santos, nascido em Pernambuco, daí vem o apelido do filho, residiu no Cairari, perto de 30 anos e foi quem encontrou os índios Anambé, no lugar Cipoteua, alto Cairari, e eram, aproximadamente, 60 índios. Fez contacto com eles, estabeleceu vínculos de amizade e convenceu a que eles fossem se instalar ao lago grande do Cairari. Ai eles se fixaram e, após algum tempo, a aldeia mudou-se, sucessivamente, para mais quatro lugares, sempre, nas proximidades do lago.



O informante conheceu uma bôta, Maria de Farias, que é encantada

O seu Santinho, através de seu pai, também manteve, e mantém até hoje, amizade com esses índios, reduzidos, agora, a 23, ao todo, contando velhos, adultos e crianças. Os índios sempre vão à sua residência levar o que produzem e receber, de volta, sempre além do que levam, os gêneros de que necessitam, tipo roupas, munição, querosene e ferragens em geral. Foi o mesmo sr. Santinho quem levou ao conhecimento do antigo S.P.I., em Belém, da existência desses índios, em 1944. Apesar dos esforços feitos junto àquele serviço Federal, apenas 3 vezes enviaram medicamentos, ferragens e redes. Apenas um funcionário desse serviço, o sr. Expedito Armand, fez algumas visitas aos mesmos.

Dia 21 de setembro, (sábado) — Começamos a nos preparar para a viagem até a aldeia. Uma das coisas interessantes, foi o cuidado do sr. Santinho Conosco. Desconfiado, a princípio, pensando, sempre, naquela figura dos "doutores" de cidade, nos julgou frágeis, sem experiência alguma de vida na mata, chegando mesmo a nos propor que era mais fácil ele mandar buscar a indiada toda para conversar conosco do que nós nos deslocarmos até a aldeia. Outra coisa que chamou atenção a ele e a sua esposa, foi a pouca idade de Anaiza, já enfronhada em estudos.

As ressalvas feitas a nosso respeito pelo sr. Santinho, foram diminuindo sensivelmente, principalmente, quando soube do parentesco de Anaiza com o sr. Josico Vergolino, antigo adversário político em Mocajuba, no tempo da Coligação Democrática Paraense e do P.S.D., relatando inclusive, incidentes em tempo de eleições. Hoje, os dois, são amigos, mantendo uma boa relação.

Experimentamos o motor que, apesar de todas as perspectivas nossas, portou-se bem. Conhecemos um dos pajés da região, conhecimento este feito através da esposa deste, a quem demos remédio. O nome do pajé é Júlio Miranda, de 46 anos de idade, nascido no Cairari, como toda a família, é casado há 22 e tem 7 filhos.



O cotidiano da aldeia compreende atividades como caçar, mesmo como forma de sobrevivência, e o trabalho no roçado. Os meninos caçam desde cedo; as mulheres trabalham na roça.



Sua atividade como pajé começou, com um "assombro", olhar de bicho do mato. Diz ter apanhado dele, no mato, ter brigado com ele que é baixinho, fuma cachimbo, é preto e atende pelo nome de Caborito.

Seu Julio informou que, além de Caborito, duas são as categorias de espíritos encantados; a primeira "do mato", que ainda conta com João Curupira, além de nosso personagem brigão, e a "da água", da qual fazem parte, Manuel de Farias, Maria de Farias, Antonio de Jesus, Ruchedo de Jesus, Almerindo Dias da Cruz e João da Conceição de Jesus.

O pai de seu Julio, também, era pajé e "iniciou" o informante, tendo, antes de falecer, "deixado" o pessoal que trabalhava com ele, para seu filho Julio, que contava com apenas 15 anos. Após 5 anos, começou a dar "movimento" para ele. Seu Júlio afirma ter dom e que após o contacto com o encantado, e de ter levado a surra, ficou variando, só melhorando após ter começado a trabalhar, o que já faz há 10 anos. Esses espíritos são gente e se comunicam com os santos e com outros espíritos. Um exemplo: Se uma pessoa está doente e consulta o espírito, este entra em contacto com os santos, N. S. da Concei-

ção, São José, e Deus, "que é o maior". Os espíritos só trabalham com a Cruz de Cristo. Os Santos só trabalham na ocasião quando recebem as mensagens levadas pelos espíritos que funcionam como anjos da Guarda e trabalham com os mistérios de Deus.

Perguntado porque moravam na água e no mato, respondeu que é porque teve o "encanto" da água e do "mato". Foram encantados por uma cantiga de uma menina que estava cantando em uma cidade de Minas Gerais. Quando Matinho foi passando por aquela cidade, escutou a cantiga, se embelezou pela mesma, desceu, ficou encantado, chamou outros que também ficaram encantados. Matinho é cobra. Não trabalha com o informante pois se desgoutou e foi embora.

O informante não conhece outros encantados em forma de bicho, apenas o Cobra Norato que se despediu. Conheceu, também, uma bôta, Maria de Farias que é encantada e tem uma cruz no peito. Não há encanto de peixe, jacaré, mucura, porco ou outros animais. O Informante receita raízes e plantas da região, como arruda, majurema, e água de coco, contra mau-olhado. Só para mal de amor não há remédio.

Nos trabalhos, o informante senta-se em uma cadeira e começa a gemer até que "ele" venha. O espírito chega cantando. Durante o serviço reza e receita e canta quando vai embora. As obrigações consistem em uma vela acesa na banca, cigarros de tauais, guaraná, industrializado, e cachaça, quando tem, para fazer a limpeza do corpo. As sessões são realizadas à noite e a cura do feitiço é, sempre, realizada na água, pois o bicho enfraquece.

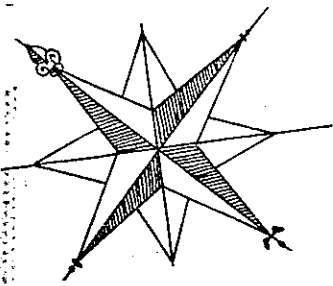
São realizadas na água, quando vai à beira, quando na mata, deixa, sempre, em lugar certo. Com relação à cachaça, os espíritos fingem que bebem mas, na realidade, só fazem chupar a fortidão, desta, deixando a água. Os encantados são gente e vão continuar assim no que estão para o resto da vida; também, não chegarão a ser santos porque não podem deixar essa condição. É um desígnio da Providência. O informante não usa pena ou maracá, usa um rosário, até completar o terço certo. É católico, casado no catolicismo, freqüenta a igreja e procura o padre, todas as vezes que este vai ao Cairari. Seis filhos são batizados, também, no catolicismo.

As pessoas, para ele, o procuram por-

que têm fé; se têm um médico e um pajé e elas procuram, primeiro o pajé, é porque acreditam, têm confiança. Os casos mais freqüentes é para rezar "armameñtos", (benzer para dar sorte), nos roçados, plantas e outras coisas. No caso de roçado, só faz no dele. Benze mais redes e anzois.

Explica alguns procedimentos para alcançar bens, como para afastar maus espíritos, quando se reza: Deus abaixe meu povo, com 3 cruzes de madeira pesada para afastar os espíritos da perturbação que vivem perturbando o corpo humano. Então, com três pares na guia, com três fitas verdes, encarnadas, amarrando os espíritos que perturbam o corpo humano. Jesus, Maria, José, Jereré-ret. Põe a cruz na cabeça da consulete e reza uma oração católica.

Dia 22 de setembro (domingo) — após o café, constituído com tapioca, arrumamos nossa bagagem e saímos da Fazerda Fortaleza, às 8:50 h., viajando sem incidentes até o lugar Boa Esperança, outra propriedade do sr. Elias Santos, onde almoçamos e adquirimos farinha e arroz.



Os objetos pessoais, na casa, são guardados separadamente

Próximo a esse lugar está localizada a Vila de Erbuí, uma comunidade Protestante, às 12:00 h saímos de Boa Esperança, subimos o rio Apel, até a propriedade do sr. Emmanuel Carvalho, dentista que, hoje, dedica-se à exploração de madeira. Apesar de afastado da política, estava preocupado com a situação em Santarém, pois ouvira no rádio que haviam sido baleados um deputado federal, (coronel Veloso), e um senador da República, (Moura Palha).

Após nos despedirmos do sr. Carvalho, descemos o rio Apel, e continuamos nossa viagem subindo o rio Cairari, até alcançarmos o lago pequeno, após 30 minutos de viagem. Logo depois, o lago grande. A travessia deste, dada a dificuldade de navegação, durou cerca de 20 minutos; o lago estava baixo e os canais de navegação eram muito tortuosos. De volta ao rio Cairari, continuamos seguindo rumo a aldeia dos Anambé. Nesse trecho, devido as más condições de navegabilidade, ocorreu um acidente.

A canoa bateu em um pau? (tronco submerso), batendo, inclusive, o motor que nada sofreu. O encerrado caiu em um local de grande profundidade, submergindo rapidamente. Com dificuldade conseguimos encaixar o barco em um tufo de vegetação para verificar uma possível avaria, no motor, que não ocorreu. Para desencilhar, Napoleão e Santinho, pularam para fora do barco. Prosseguimos viagem até a aldeia, situada à margem direita do Cairari, onde chegamos às 14:50h.

A aldeia está situada em terreno alto e conta com 6 casas, 2 distando 100 metros do Porto, 2 no porto e mais outras 2 a 300 metros, à esquerda. Fomos recebidos pelo índios e várias famílias encontravam-se na mata, em busca de alimentos.

No núcleo central moram, em uma casa, o irmão do chefe, sua mulher e filha, Tapira, com o marido, Natú, a filha desses e mais três indivíduos. O irmão do chefe, Muká, é casado com sua irmã, Durika. O pai, Antonio caboclo, trabalha em Quintino Smith, conseqüentemente, não mora na aldeia.

A outra casa estava abandonada, pois foi construída com pouca altura. A nós, foi destinada. A direita do porto moram 8 pessoas. A outra casa destina-se ao forno de farinha. À esquerda moram, em uma casa, três outras pessoas. Nas proximidades da aldeia, juntamente com outras 5 pessoas, mora, Maria José que é casada com Siriqui, que é branco e foi casado, anteriormente com Jabuti-Katu, já falecida. A união dos dois é reconhecida mas não oficial. Subindo o rio ainda moram, quatro pessoas, dentre as quais Neuza Inê e Waldemar, branco, e marido da priuieira.

Dia 23 de setembro (Segunda-Feira) — Após o café preparativos para limpar a casa que estava abandonada. As paredes foram trocadas, da palha. O terreiro, em volta, varrido pelas mulheres da tribo. Um estrado, para banho, foi construído. Anaiza está encarregada da cozinha e da redação do diário.

Dia 24 de setembro (Terça-Feira) — Na noite de ontem chegaram à aldeia, os filhos de Santinho, os mais velhos, conduzindo 4 toneladas de arroz. Chovia muito, a noite estava escura e a navegação, nessas condições, é perigosíssima, devido a grande quantidade de troncos submersos. Após o café de hoje, seguiram viagem até o grande lago, onde o motor "Canário do Tocantins", os espera seguir até Belém.

A vida na aldeia assemelha-se muito com a das populações caboclas das circunvizinhanças. Levantam às 5 da manhã e partem para os roçados, que distam um pouco mais de 2 quilômetros, para dentro da mata. Na aldeia ficam, apenas algumas crianças bem pequenas e poucas mulheres. Estas, ocupadas em ralar a mandioca e espremer no tipiti.

Dia 25 de setembro, (Quarta-Feira) — Hoje conseguimos, finalmente, aprontar a casa e nos instalar. Napoleão construiu a porta e montamos os jiraus para maletas. Poderemos começar a trabalhar, pois conseguimos montar as instalações. ECONOMIA — a economia do grupo repousa principalmente na agricultura, no plantio da mandioca, batata-doce e cará. Mandioca: esta é plantada apenas uma vez por ano em janeiro com as chuvas. Antigamente o tamanho das roças era de 6 a 8 tarefas por roça de família, hoje, entretanto, juntam-se duas ou três famílias e fazem grandes roçados com aproximadamente 24 a 30 tarefas.

Em agosto começam a fazer a derrubada da mata, o roçado é utilizado apenas duas vezes, depois disso abrem outro roçado, preparam a terra e plantam. É uma espécie de rotação agrícola. Limpam o terreno, ficando apenas as árvores de grande porte e de difícil derrubada. Somente os homens fazem esse serviço. Os protestantes das proximidades não dão ajuda alguma.

Em janeiro plantam. Os homens fazem a casa e as mulheres plantam, os talos que tem um palmo de comprimento, aproximadamente. O plantio dura perto de um mês. Quando a mandioca está madura (junho/julho) retiram os tubérculos. Esse trabalho é feito por todos.

Os Anambé estão engajados em um tipo de economia extrativista voltada para a extração do óleo de copaíba e leite de massaranduba, atividade econômica que juntamente com a madeira formam o alicerce da economia cabocla da região.

Extração de copaíba: encontrada a árvore, a mesma é furada com um trado até encontrar-se o veio. Quando o óleo começa a escorrer é colocada uma "bica" feita de pedaço de lata para que o óleo escorra para as latas de querosene. Quando a árvore não foi trabalhada, recolhe-se aproximadamente uma lata de querosene (18 l). No ano seguinte e nos seguintes a produção dessa árvore é de 1/4 da lata. A aldeia possui 4 trados. Terminado de escorrer o óleo o orifício é fechado com um batoque de madeira. O óleo colhido é trocado por redes, roupas, machados, ter-

çados ou outros implementos com os comerciantes das proximidades. A produção da aldeia ano passado foi de 30 latas.

Massaranduba: encontrada a árvore a mesma é cortada 50 cm do tronco até a altura de uma escada com 12 degraus. Chama-se o corte de "anelar". O leite é colhido, raspando-se com colher e depositando em latas de querosene. Levado para a aldeia, o mesmo é cozido até ferver e tomar consistência, mexendo-se com pau. Formada a bola é resfriada com água corrente do rio. Uma lata dá uma bola de 15kg que é vendida para os comerciantes por NCr\$ 0,20 a NCr\$ 0,30 o quilo, conforme a demanda de mercado.

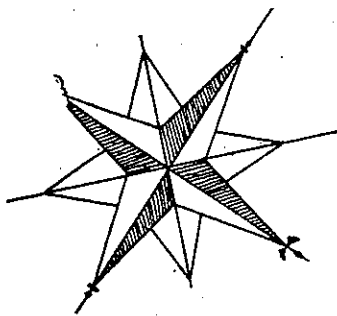
Dia 26 de setembro (quinta-feira) — Neco saiu ontem à noite para caçar. Aproveitamos o dia para registrar os informes já colhidos. É impressionante o número

de pessoas que vêm até a aldeia procurar o "doutor" e a "doutora" em busca de medicamentos para as doenças as mais diversas e complicadas. Todos eles falam nos Fergolino e Mendonça de Mocajuba e Cameté que estão no Cairari. Outra coisa interessante é a indiada comendo comida "civilizada". Não gostaram da sopa de ervilha, mas comeram e gostaram muito do macarrão com salsicha.

Dia 27 de setembro (sexta-feira) — Os índios foram para o roçado que estão abrindo. Começamos a explorar as casas da moradia deles. As casas são sempre de duas águas com 4 metros de frente por 4 m de altura. O comprimento varia conforme o tamanho da família. A dormida é feita em redes de procedência "civilizada" adquirida nos regatões e é feita indistin-



Uma família mista, cabloco casado com índia, frente à casa que habitam, construção típica da aldeia, em 1968. As paredes eram sistematicamente trocadas e o areial, em volta, sempre varrido.



A Lua está em quarto crescente, quase lua cheia e o luar ilumina tudo

ta e desordenadamente. Os casais ficam sempre com suas redes atadas uma perto da outra e os filhos enquanto pequenos dormem em redes pequenas próximas às redes das mães.

As tipóias nas quais carregam os filhos pequenos são feitas de pedaços de redes costuradas. Desconhecem a fabricação de cerâmica. Não constatamos a existência de nenhum objeto de barro. As roupas usadas são de procedência "civilizada". As mulheres cosem seus próprios vestidos. Não fazem depilação nem mesmo têm lembrança de que os antigos o fizessem. Cortam o cabelo a base dos "civilizados", fazem barba com lâminas de barbear.

Caça — existem dois tipos de caçada: 1 — de espera; 2 — feita com cachorro. Como até as crianças conhecem a utilização de armas de fogo podemos dizer que todos os homens inclusive os meninos caçam. A caça é feita sempre com dois objetivos: obtenção de alimento e aproveitamento da pele para venda aos regatões que são conhecidos na aldeia com o nome de marreteiros.

Ano passado foram vendidas 9 peles de caífitu e 1 de maracajá. As vezes essa caçada levam de 3 a 4 dias. Quando isso ocorre as famílias acopanam o caçador e residem em tapiris às proximidades de Igarapé e de comedias. Normalmente, diariamente come-se caça e peixe na aldeia.

Pesca — existem três espécies de pesca: 1 — a de anzol; 2 — timbó; 3 — zagaia.

Dia 23 de setembro (sábado) — Como nos outros dias após o café tivemos as ses-

sões de receituário, pois para a aldeia, diariamente convergem pessoas em busca de medicamentos para as doenças as mais diversas. O posto sanitário mais próximo fica em Igarapé-Miri. Poucos usam remédios de medicina rústica, preferindo remédios de farmácia que são adquiridos por preços altíssimos nos comerciantes da região.

Dia 1 de outubro (terça-feira) — Logo após o café nos apareceu Benedito Picareta nosso conhecido anterior que havia vindo atrás de remédios desta feita nos apareceu com a família toda com uma enorme brecha na cabeça proveniente da queda de uma árvore. Era um ferimento grande e profundo. Nossa estada no campo tem sido boa, a comida é sadia, raro é o dia em que não comemos caça ou peixe e nos damos mesmo ao luxo de fazer doces com as frutas existentes na região como cajus e bananas. Não fosse a falta de luz pois o Petromax "pifou" de vez, e o rádio que também quebrou, estaríamos regamente instalados. A água é boa, nosso rancho mesmo controlado é suficiente para nossa alimentação suplementada por aquilo que nos oferecem, porém há um problema sério que é o da dormida. É um verdadeiro ninho de rato todas as casas da aldeia.

O relacionamento familiar do grupo é muito frouxo como já constatamos. Não há uma divisão de trabalho rígido entre os sexos. Como já verificamos também, a dormida que é feita em conjunto é em redes separadas, cada qual na sua, de modo que não sabemos como são feitas entre os casais as relações sexuais, se em casa ou fora desta. Não usam métodos anticoncepcionais. O número de filhos é grande. Há pelo menos duas mulheres grávidas na aldeia e o número de crianças em fase de amamentação é de 5.

Nas casas cada um tem seus objetos de uso pessoal guardados separadamente com um largo sentido de propriedade. Isso se observa igualmente por ocasião das refeições. Apesar de ser feitas em comum, cada um tira a sua parte sem se preocupar com o companheiro ou companheira ou mesmo com filhos, apesar de dividirem na comunidade tudo o que conseguem produzir, caçar ou pescar.

As crianças do mesmo grupo de idade chamam-se entre si de "mano" além dos seus irmãos consanguíneos. Isso a princípio nos chamou atenção pois nos pareceu existir algum resto de organização social e de laços de parentesco, entretanto, apuramos devidamente o fato e constatamos que a terminologia de parentesco

é semelhante à nossa. Assim a irmã do pai é sempre tia e o irmão é tio.

Dia 2 de outubro (quarta-feira) — hoje acordamos tarde devido a noite mal dormida. Desde a véspera que havíamos imaginado retirar a cobertura velha de palha, deixando a casa coberta apenas com o encerado.

Na noite anterior todos os homens foram caçar e desde cedo armados de espingarda e com as redes amarradas às costas dirigiram-se para as "comedias". A lua está em quarto crescente, quase lua cheia e o luar ilumina tudo. Regressaram hoje pela manhã, bem tarde, e apenas Muká trouxe tatu-tuiga e um caiarara e Kai outro caiarara. Os outros nada trouxeram. Siriqui apareceu trazendo peixe e aproveitamos este amigo, juntamente com José, para desmontarmos a cobertura da casa que foi curripada com paus novos e sobre os mesmos esticamos o encerado que infelizmente não deu para cobrir até a cozinha, entretanto, o local onde dormimos ficou sem palha. Enquanto preparávamos a casa, na casa de Muká preparava-se a comida com a caça trazida. Foi uma festa, pois após o almoço foi uma matança de ratos. Foram mortos treze, e nesse mister, crianças e adultos brincando e rindo divertiram-se com a matança.

Dia 3 de outubro (quinta-feira) — Pela primeira vez conseguimos dormir tranquilos. Os poucos ratos que ficaram na cobertura da cozinha não conseguiram nos acordar.

Neco disse que os ratos também sumiram da casa de Muká. O fogo ateadado na véspera nas palhas secas da casa e jogadas no barranco queimaram até hoje.

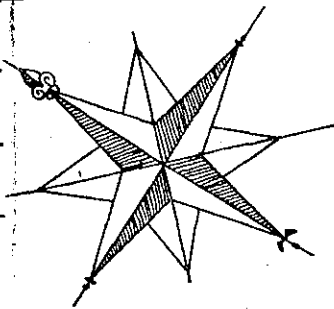
Como toda aldeia que se preze esta possui também cachorros pulguentos e vadios e bicho-de-pé. Estes são tirados com a ponta de faca e terçados, e os nossos com instrumental de estajo cirúrgico.

O banho na aldeia é coletivo guardadas as separações de sexo e graus de idade. As mulheres com as crianças pequenas tomam banho depois do almoço. Despem-se dentro d'água, lavam a roupa e vestem roupa limpa após, as quais são trocadas atrás das árvores. Em um outro local os homens fazem um outro tanto; enquanto as crianças e os jovens aproveitam o banho para brincar na água. O uso do sabão é comum e generalizado. Não há pintura de corpo, tatuagens ou deformações provocadas por uso de batiques ou tembetás. Não há igualmente um enfeite de plumária. Dizem não conhecer



Acima, Anaiza Vergolino entre dois líderes da aldeia, Aipá, (direita), e Muká, (esquerda). Abaixo Kai preparando as folhas para formar as paredes da casa.





Há, ao todo, seis casas que se distribuem pela pequena região

nem saber fazer esse tipo de adorno. O uso de sandálias (japonesa) ou de sapatos é generalizado e poucos são os que não os possuem. Só usam sapatos quando vão às festas em Mocajuba ou na casa dos comerciantes da localidade. Conhecem música da jovem-guarda que cantam e assobiam. Dançam boleros e mereingues. Conhecem e usam talco e perfume; bem como as mulheres usam balon e rouge; algumas delas quando vão a Mocajuba mandam frisar o cabelo.

Dia 4 de outubro (sexta-feira) — Acordamos às seis e meia depois de uma noite bem dormida. E quase lua cheia e as noites são bem frias. A aldeia acordou bem cedo; ao acordarem, apesar de possuírem escovas de dentes, estas são guardadas e não utilizadas. Não lavam rosto nem penteiam os cabelos. Não tomam igualmente banho a esta hora da manhã. Quando há peixe ou caça abatida na noite, os mesmos começam a ser preparados para serem comidos; quando não existem esses alimentos tomam mingau feito com farinha de mandioca (espécie de caribé). A aldeia não tem nome. O local é conhecido pela população cabocla e pelos próprios índios simplesmente como "Aldeia". Antigamente davam o nome aos locais onde instalaram suas moradas. Hoje não o fazem mais. Perguntamos ontem se poderíamos dar nome ao local onde hoje a aldeia está instalada e responderam que sim. Deste modo denominamos o local de JACY-TA-TÁ (estrela da lua) pois notamos que Vênus aparece enorme por sobre a mata ao cair da tarde. Os índios a chamam de JACY-TA-TÁ. A população cabocla a denomina de Estrela dos Viajantes e ao amanhecer de Estrela D'Alva.

A mulher grávida participa de todas as atividades exceto os trabalhos de roça quando é adiantado seu estado de gestação; e nesse período é encarregada dos trabalhos de limpeza da casa, tomar conta das crianças menores bem como da limpeza do terreno da aldeia. Não tomam medicamento algum, quer de farmácia, quer de medicina rústica, nesse período.

Aproximando-se a hora do parto dirigem-se aos igarapés próximos ajudadas pelas mulheres mais idosas. O parto é realizado no chão; o cordão umbilical é cortado com faca amarrado com barbante e o curativo umbilical é feito com óleo de copaíba. E dado banho na água do

igarapé na criança recém-nascida e é embrulhada em panos. A placenta é enterrada em buracos nas proximidades da aldeia. As parturientes ficam em repouso durante cerca de 10 dias sem restrição alimentar alguma e após esse período participam normalmente da vida comunal. Quando ocorre complicações por ocasião do parto, são chamadas as parteiras curiosas das proximidades para ajudarem o parto. Somente o marido é quem pode se fazer presente. Os outros homens, seja qual for o grau de parentesco, não assistem. As complicações do parto mais sérias levam sempre à morte a parturiente e o feto.

Os recém-nascidos já são vestidos com camisinhas e toucas da mesma maneira que os filhos da população cabocla. Quando o sacerdote católico faz a desobriga anual, os não batizados o são, escolhendo-se padrinhos e madrinhas entre os comerciantes das redondezas.

Dia 5 de outubro (sábado) — ontem ao anoitecer baixou para o Apel. Eliseu Pernambuco, irmão de Santinho que trabalha em extração de madeira nas cabeceiras do Cairari. Tinha um profundo ferimento no braço já em fase de cicatrização. Fizemos um curativo e demos a ele um tubo de sulfato em pó. Seguiu viagem para o Apel. Pela manhã de hoje depois de acordarmos e prepararmos o almoço, assistimos ao mutirão aqui conhecido por "pretirum" ou "convidado" para roçarem a capoeira na frente da aldeia que dá para o rio e que havia sido organizado por Neco.

Ciclo de vida — As crianças desde cedo participam da vida econômica do grupo. As meninas acompanham sempre suas mães em todos seus afazeres quer nos roçados, quer na preparação da farinha e os meninos também desde cedo acompanham os pais no serviço de roça, caça e pesca, aprendendo o uso de facas e terçados, bem como das armas de fogo, zangais e anzóis. Brincam de arcos e flechas pequenos que já não são mais utilizados pelo grupo. Os mais velhos ainda fabricam esses implementos para vendê-los aos moradores do Lago Grande que os utilizam na pesca.

A puberdade manifesta-se relativamente cedo, mais ou menos aos 13 anos vem a primeira menstruação. Não existem mais práticas para esse rito de passagem, nem festas, reclusão ou outra qualquer espécie de flagelação. Dizem que antes da mulher não ter experiência sexual e que essa só é tida quando casam. Não acreditamos muito nessa afirmativa dada a frouxidão de relacionamento social. Quanto aos jovens essa experiência é realizada com mulheres mais velhas fora do grupo ou quando viajam para Mocajuba.

O falecimento segue o mesmo rito da população cabocla. Não há manifestações externas (tratamento dos mortos, flagelações, etc.). O sepultamento é feito em caixões fabricados pela população cabocla, no cemitério do Apel. Quando ocorre um óbito dentro do grupo após o sepultamento o local da aldeia é abandonado, porém não destruído, levantando-se em novo local uma aldeia nova.

O processo sucessório obedece sempre a linha direta. Os objetos dos homens

e das mulheres são transmitidos a seus filhos e quando esses não existem aos genros e noras. A responsabilidade dos filhos deixados pelos falecidos recai também sobre os parentes mais próximos em linha direta, ou quando são produtos de cruzamento com a população cabocla são adotados por um membro do grupo.

a mestiçagem é sempre realizada entre índio x caboclo, não se conhecendo nenhum caso de mestiçagem de índio x cabocla.

Dia 9 de outubro (quarta-feira) — acordamos cedo com a "badalação" de Santinho para seguirmos viagem até a casa do Eliseu. Preparamos o veado que o Manuel nos havia dado na véspera, preparamos o motor e subimos o rio, saindo da Aldeia às 8 horas. De remo leva-se um dia e meio até essa casa que é a última habitada no rio. Saimos da Aldeia e a primeira casa está no lugar Bacuri onde moram 15 pessoas, sendo o dono da casa, Oliver; a mesma está instalada à direita do rio próxima à foz do igarapé Bacuri que fica em frente. A viagem é difícil, pois o leito do rio está cheio de paus tombados.

Na Aldeia há apenas dois casamentos religiosos dos mais velhos e todos são batizados, à exceção de um recém-nascido

Dia 10 de outubro, (quinta-feira) — Nesse jogo de aviamento, adiantamento, despesas particulares x recebimento de produtos para pagamentos de dívidas, um desses comerciantes (Santinho) tem a receber de NCr\$ 15.000,00 a NCr\$ 20.000,00.

Isso obriga a essa população a um regime de servidão e por outro facilita ao patrão o aliciamento de mão-de-obra pa-

ra as diversas empreitadas, pois trata-se sempre de devedores que dificilmente saldarão seus débitos.

É um processo de escravização econômica, pois, o homem dá o seu trabalho em troca de alimento e roupa e aquilo que produz, ficando preso sempre à casa do patrão pelas dívidas contraídas.

Esses padrões são financiados por comerciantes em Belém de firmas poderosas, que por sua vez entregam essa madeira para ser beneficiada nas serrarias do Piriá e jogadas no comércio local, nacional e internacional. Podemos oferecer um exemplo: certo comerciante (E.S) fechou negócio com um desses padrões (S.P.) no valor de NCr\$ 6.000,00; importância essa recebida parceladamente. Desse NCr\$ 6.000,00 apenas NCr\$ 2.000,00 foram empregados nesse negócio e os \$ restantes movimentados em outros: massaranduba, copaíba, compra e venda de gêneros e utensílios. Os NCr\$ 2.000,00 foram empregados na abertura de estradas, corte, transporte de madeira, diárias de trabalhador e câmbio.

Na entrega dessa madeira os empregados ficam a dever recebidos diárias e ranchos um total de NCr\$ 3.000,00, valor esse mais elevado do que o capital investido.

Dia 11 (sexta-feira) — Santinho acordou "badalado" como sempre e após tomar café e prepararmos o motor, "despencouse" para Boa Esperança. Constatamos um fato interessante: quando Santinho e esposa estavam em nossa casa, o grupo tribal como que "desapareceu". Somente chegavam até a casa se chamados, po-



O casal Natú e Tapira, retornando de uma caçada e da roça.

rém, afastavam-se rapidamente. Parece que Dalila não é simpática ao grupo.

Dia 12 (sábado) — após acordarmos e tomarmos café, tentamos fechar alguns buracos nos informes já obtidos: Enquanto Anaiza conversava com as mulheres, Napoleão fazia outro tanto com os homens. A dificuldade de comida é grande; o roçado antigo da Aldeia está no fim, de modo que há um revezamento constante; derrubada de roçado novo x caça x pesca x preparo de farinha, de modo que, dificilmente se encontra o grupo na Aldeia. A alimentação deles agora é mingau de mandioca pela manhã, farinha e favas. Essas são plantadas também nos roçados, porém, não de forma apreciada. As favas são cozinhadas com a própria casca, debulhadas e comidas com farinha. Comem também jerimum assado. Parecem utilizar as favas e o jerimum em última instância, quando não têm mais nada para comer.

Apesar de terem pequenas plantações de milho e arroz não os utilizam de forma alguma, que, ou são trocados com mercadorias nos comerciantes e marreteiros ou fazem de alimento para galinhas e patos que criam.

Dia 13 (Domingo) — a chuva dada no fim da tarde e que entrou pela noite amainou a temperatura. Houve pouco frio durante a noite. Após o café, colocamos em dia o diário bastante atrasado, bem como para "checar" observações e informações colhidas e chegamos à conclusão de que o que existe no Cairari é uma exploração desenfreada da população por um reduzido número de comerciantes e quanto ao grupo tribal que está totalmente envolvido pela população cabocla, não está nem marginalizado nem alienado, pois participa ativamente da economia da região, extraíndo: copaíba, massaranduba, peles, caça (jabutis e carne), criação de galinhas num sistema de meheiro, produção de farinha que são entregues aos comerciantes por preços ínfimos, porém iguais aos dos produzidos pelos caboclos, recebendo de volta mercadorias a preços altos como as mesmas são vendidas a essa população.

Dia 14 de outubro, (segunda-feira) — Os casos de poligamia parecem não existir e, se existem, não são notados. Há um caso de duas índias irmãs que vivem com um caboclo. O fato é recriminado por todos que evitam comentá-lo com estranhos. No entanto, comentam o ciúme que o caboclo tem da segunda mulher.

O relacionamento sexual das mulheres do grupo com a população cabocla é bem acentuado e isso se observa nos frutos dessas uniões. Acreditamos mesmo que mais da metade da população da aldeia, atualmente, é miscigenada.

Um dado curioso é que a maioria tem dentes sadios.

Dia 15 de outubro, (Terça-Feira) — hoje pela manhã, Alfredo Catú, regressou do alto Cairari para onde havia ido caçar. Passou perto de 15 dias junto a outros caçadores. As mulheres receberam a carne e prepararam e foram levar para os homens, no roçado. Após vários dias de fome, a chegada da comida constituiu motivo de grande alegria...

A expedição foi concluída no mês de novembro. No ano seguinte, Napoleão e Anaiza, voltaram à região do Cairari. O diário não tem um fim definido. Aqui, no entanto, finda.

2